



LITERATURA INFANTIL: UM RECURSO EDUCACIONAL PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Lidiane de Souza Assante (1); Wesley Gomes Feitosa (2)

Centro Universitário do Norte/Laureate International Universities

lidianeassante@gmail.com/ wesleygfeitosa@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar a Literatura Infantil como recurso educacional para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, aplicando estratégias de leituras e escrita diversificadas em atividades de interpretação textual dos alunos do ensino fundamental da Escola Estadual Pedro Silvestre, onde foi possível constatar a inovação, no que diz respeito ao objeto abordado. Desta forma, o problema e as hipóteses levantadas confirmaram que há aproveitamento e interesse dos alunos no desenvolvimento de textos e de outras leituras com base na Literatura Infantil. Com isso seguiu-se por um caminho educacional tornando importante para o processo da leitura, interpretação textual e a valorização da Literatura em sala de aula, pois os temas são do interesse dos jovens adolescentes e partem sempre do conhecimento prévio de cada aluno, buscando uma aprendizagem significativa que desperte o prazer em aprender. Predisposmos, assim, à curiosidade, criatividade e ao pensamento reflexivo para solução de situações-problema e o desenvolvimento da autonomia.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Interpretação Textual, Leitura e Escrita no Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar o ensino-aprendizagem através da Literatura é uma das tarefas mais difíceis, haja vista o grande desinteresse dos alunos pelo ato de ler. Daí a importância de dar ênfase, neste artigo em que estará voltada a Literatura Infantil, a fim de resgatar o gosto pela leitura de livros que lhes possibilitem entrar no universo de sonhos, magia e o fantástico que os textos infanto-juvenis oferecem.

A Literatura Infantil na vida dos jovens alunos nas escolas públicas do nosso Estado poderá se constituir de grande importância para o desenvolvimento mental e intelectual. O conhecimento é adquirido continuamente, o gosto pela leitura deve acontecer de maneira espontânea, através da participação da comunidade, pais e escola trabalhando em prol do crescimento dinâmico, criativo e construtivo do ser. Favorecer essa base de forma saudável e proveitosa é fazer com que o aluno aprenda com entusiasmo e interesse.

A leitura, como atividade de mundo em que o sujeito pertence ao domínio dos intelectos capazes de atuarem como cidadãos, é tornar o leitor crítico, não apenas um decifrador de sinais, mais sim um ser cooperativo para construir o universo textual a partir das



indicações que lhes são fornecidas pelo autor e, com isso, sendo o sujeito do processo de ler e entender o mundo.

É necessário saber que num ambiente de aprendizagem devem ser consideradas, condições cogentes para uma educação em que os alunos permaneçam o tempo necessário com sucesso, prazer e, principalmente, liberdade de expressão e alegria.

Entende-se que educação é um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação individual. A escola é local privilegiado e restrito dessa formação, porque buscam alternativas para se trabalhar com conhecimento, valores, atitudes e construtor de hábitos.

Mostrar que a literatura infantil trabalhada desde a alfabetização até ensino fundamental (1ª a 8ª série) valorizaria a leitura como meio de comunicação mais bem visto na sociedade.

Assim, com a intenção de verificar pontos estratégicos para interpretação textual, leitura e escrita, procuramos trazer para o meio educacional, principalmente ao ensino fundamental, a literatura infantil, por ver a dificuldade na interpretação textual (leitura e escrita) dos alunos, deduzindo que se cogitarmos com este tipo de leitura, construiria e contribuiria com um ensino diferente, ajudando-os, a saber, ler, escrever e, principalmente, a desvendar textos, seja ele na disciplina de Língua Portuguesa ou nas demais matérias que requeiram um trabalho de enunciado e enunciação.

Então, a proposta foi trabalhar os textos literários infantis em sala de aula para que ajudassem os alunos a decodificar os enigmas existentes, seja na oralidade seja na escrita. Pois, apesar de falarmos que literatura infantil é uma ficção, aborda um ou vários problemas, seus textos não são óbvios, discursivos ou demonstrativos. Mas são capazes de envolver por completo o leitor, porque o fantástico assume o caráter de aventura, às vezes simbólico, subordinado à função puramente ideológica de provocar e experimentar a verdade.

Com isso, o referencial teórico notório neste artigo científico nos permite como sugestão de ensino - a Literatura Infantil como mais um recurso ao ensino-aprendizado da Língua Portuguesa.

2 A LITERATURA COMO RECURSO AO ENSINO-APRENDIZAGEM NA LÍNGUA PORTUGUESA.

Quando se trata de dar uma definição do que é ser um bom leitor não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando queremos essa definição com muita cientificidade. Haja vista que, qualquer leitor ficará satisfeito com uma explicação prática e aproximada sobre os conteúdos fundamentais de uma leitura feita com propriedade.

Aprendemos a ler em primeiro lugar a realidade a nossa volta, ou seja, o nosso cotidiano social, que dentro dessa leitura já faz interpretações de atitudes positivas e negativas ao nosso desenvolvimento psíquico e intelectual.

FREIRE (2001, p. 11) diz que:



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

O autor nos leva a entender que o progresso educacional está baseado na vivência do aluno e da maneira como ele se expressa sempre evidenciando as condições de vida do mesmo.

Partindo-se da pressuposição de que estudar não deve ser um castigo, um peso, mas preparo para a vida, faz-se necessário buscarmos meios educativos e atrativos que chamem os alunos ao gosto pela leitura.

Um dos educadores e terapeutas infantis mais respeitados vê a literatura como melhor canal para transmitir informações adequadas que promova, na criança, no jovem adolescente, a capacidade de encontrar sentido na vida. BETTELHEIM (1980, p.82) reforça-nos que para atrair os alunos é preciso tornar o texto atraente e principalmente lúdico, uma vez que "[...] ofereçam figuras nas quais as crianças e jovens adolescentes possam externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável".

Segundo RIOBALDO (apud SAMUEL, 2002, p.36) "O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente no meio da travessia". Pois, é a partir deste meio que descobrimos o que é real e irreal na vida humana. O fantástico pode ser descrito como imanente ou natural, sendo a análise do aspecto sombrio da realidade humana, aparecendo como um modo de exploração do inconsciente e como uma combinação do estranho com o maravilhoso.

Além do mais, FREIRE (2003, p. 86) robustece o assunto ao falar da criação de um novo homem, uma nova mulher e a educação da seguinte forma:

A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo.

Anos atrás, a literatura infantil era um meio de se transmitir ensinamentos morais e somente os adultos tinham acesso a este tipo de leitura, pois os contos de fadas como: Branca de neve, Chapeuzinho vermelho etc, tinham como contexto, temas que retratavam o adultério, bigamias entre outros.

Hoje em dia, porém, é diferente, com a readaptação para crianças e jovens adolescentes tornou-se mais um meio prazeroso de ler os textos, pois há uma linguagem verbal e visual (imagens, gravuras) que não partem mais das autoridades do adulto. A criança, o jovem adolescente leitor é hoje um sujeito movido por sua necessidade, ou seja, aquilo que convém ser melhor para ele ou não.



Os contos de fadas, hoje, apresentam os dilemas, as dificuldades, os obstáculos inevitáveis que são próprios da vida, numa visão de mundo compatível com o nível psicológico e emocional da criança e do jovem adolescente. Ao mesmo tempo mostra que, com coragem e perseverança, os medos e as opressões podem ser encarados e derrotados. As tramas são singelas e as personagens, simples e diretas; o mal e o bem têm o mesmo poder e se apresentam nas personagens como gigantes, dragões, bruxas, fadas, príncipes e princesas.

Esconder monstros, ogros, bruxas, ou torná-los amigáveis nas histórias infantis é impedir que elas construíssem suas fantasias para conhecer tais seres e elaborarem formas de controlá-los, além de impedir que aprendam a lidar com seus medos e angústias.

Esse desfecho “um final feliz”, dá segurança e coragem diante das dificuldades, são estímulos para que a criança, o jovem adolescente não desanime e se torne um ser humano criativo, assim como os heróis, príncipes e princesas que entraram na floresta escura e de lá saíram vitoriosos.

Outro ponto relevante, não se explica conto de fadas. Quando uma história se torna significativa para alguém, cabe somente a ela/ele interpretar o significado daquela trama. Ainda porque o mesmo conto, lido em diferentes fases do desenvolvimento, terá diferentes interpretações.

Os Parâmetros Curriculares da Língua Portuguesa (PCN, 2000, p.128) distingue que, estes tipos de textos, são adequados para trabalhar com “linguagem oral e escrita” dos alunos ou qualquer ser que não se importe com textos imaginários e fantásticos que a Literatura Infantil vos traz.

Usar a Literatura Infantil como recurso ao ensino-aprendizado é mostrar que a leitura leva o ser humano “a linguagem, que é criação social, e, que representa “a vida”: e a vida é, em larga medida, uma realidade social”. (WELLEK, 1948, p.113).

Deste modo, adquirir o conhecimento, desenvolvendo a capacidade de resolução de seus próprios problemas, reestruturarem conceitos e oferecer possibilidades de recreação, atingindo muito mais facilmente a sua realização pessoal é o papel fundamental da Literatura, seja Infantil seja Brasileira e/ou Portuguesa. Daí ser um estudo importante aos jovens adolescentes da 5ª série das escolas públicas.

Se observarmos o Polifemo da “Odisséia”, ou o Adamastor de “Os Lusíadas”, somente se diferem dos gigantes e trasgos ou ogros das lendas pueris, por se situarem em planos de intenções estéticas diversas. As proezas de um Ulisses não nos fazem recordar as peripécias marítimas de Sindbad? O espelho de Swift, criador das incríveis “Viagens de Gulliver”, não será aquele outro miraculoso e mágico da rainha invejosa e feiticeira má a perseguir Branca de Neve?

De um modo geral, a literatura infantil comporta as mesmas espécies e gêneros da literatura geral. Conforme TAVARES (2002, p. 406) “há modalidades em prosa (contos, novelas, romances, fábulas, apólogos, peças teatrais etc) e em versos (narrativas ritmadas ou rimadas como os romances ou xácaras, parlendas, e todas as composições singelas que compõem o patrimônio da chamada “poesia infantil”)”. Por exemplo,



Monteiro Lobato, antes de dissertar qualquer texto, este passou pelo crivo da versão infantil. Assim, criou grandes obras como “D. Quixote das crianças”, “Minotauro”, e até hoje assistidas pelos adultos e crianças o “Sítio do Pica-pau Amarelo”.

Não adianta trabalhar somente a gramática se na hora da prática de produção textual não saibam ler, escrever e interpretar. Em uma dissertação expositiva e argumentativa (crítica) é preciso saber escrever coesamente e coerentemente um texto, além do mais ter bom conhecimento científico. Escrever assuntos como: política, violência, meio ambiente, até mesmo analisar textos literários é preciso ter o costume pela leitura e isso não se vê com frequência nas escolas públicas.

2.1 A Literatura Infantil e o Aluno.

Buscamos a Literatura Infantil como recurso ao ensino – aprendizado nas Escolas Públicas. Pois, mostra ao aluno, que não há “impossibilidades” em se tornar um “Albert Einstein, Milton Hatoum, Marcio Souza, Cecília Meireles entre outros”, basta ter força de vontade e querer que aconteça.

Considerar que uma obra literária é aquela que aponta a realidade como uma roupagem nova e criativa, é deixar espaço ao aluno para entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto. Um dos critérios a serem considerados para avaliar uma obra literária infantil é verificar se ela contém o fantástico, o mágico, o maravilhoso, o poético.

PENTEADO (1987 apud COELHO, 1998, p.78), falando da natureza da literatura infantil, afirma o que é essencialmente arte: “...fenômeno de criatividade que apresenta o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Uma literatura de qualidade é aquela capaz de fascinar o aluno e torná-lo criativo. É uma literatura carregada de sentido e de expressão, pejada do novo, geradora de vida e capaz de impulsionar o ato criador do leitor.

O aluno que, desde cedo, entra em contato com a obra literária escrita terá uma compreensão muito maior de si e do outro; terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e de alargar seus horizontes da cultura e do conhecimento; terá ainda uma visão melhor do mundo e da realidade que o cerca.

O recurso à leitura de obras de literatura infantil, além de rica estratégia educativa na formação de alunos, apresenta-se com a mesma propriedade em relação à formação do próprio professor, nunca acabada e em constante processo de construção, ao longo de aula prática pedagógica, na qual permanece este desafio: como realizar a interação participativa do aluno com a literatura infantil, formar o hábito da leitura, despertar o prazer de ler? A importância da literatura infantil no processo ensino/aprendizagem ainda hoje é igualmente considerada em todas as escolas, sendo que, há dez anos, somente, vem ocorrendo grande produção literária infantil, acompanhada de uma procura pelas escolas, professores e alunos. A escola, de modo geral, retoma a literatura, trazendo-a para dentro da sala de aula. Mas é preciso considerar a forma como ela vem sendo desenvolvida.



Assim sendo, teóricos em literatura infantil vêm despertando a atenção de professores e pedagogos para a importância dessa área de estudo quanto à boa formação do leitor infante-juvenil.

Uma história por mais simples que pareça, traz em seu bojo um leque de possibilidades formativas para o processo ensino/aprendizagem do educando. Entre essas possibilidades estão os valores apontados no texto, os quais poderão ser objetos de diálogos com os alunos de modo que faça aflorar suas opiniões e desenvolvam sua capacidade de expressão. O confronto do comportamento dos personagens da história com o comportamento da sociedade, hoje dos próprios alunos possibilita desenvolver os aspectos formativos da literatura infantil.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA APLICADO AOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE DO TURNO VESPERTINO EM ESCOLA ESTADUAL LOCALIZADA EM MANAUS/AMAZONAS.

Os resultados das análises foram transcritos com reflexões pertinentes ao embasamento teórico utilizado na abordagem do tema literatura infantil. Conforme o pensamento de LAKATOS (2010, p. 233) “é aqui que são transcritos os resultados, sob forma de evidências para a confirmação ou a refutação das hipóteses”.

Desta forma, foi estimulado um diálogo entre os próprios alunos e o adulto educador, encorajando-as a examinar e explicar suas opiniões, sentimentos e atitudes acerca dos problemas que são postos, ouvir atentamente os comentários de cada membro do grupo, argumentando e reconsiderando seus próprios valores morais, sentimentos e atitudes e por fim, engajamos os alunos num processo de reflexão e discussão dos problemas morais, mas sem induzi-las a aceitarem a posição do educador como uma verdade com a qual todos teriam que concordar.

Portanto, desenvolvemos atividades em que, o aluno identificava o tipo principal de conflito tratado no texto, se ele era interpessoal (a relação da personagem consigo mesmo), intrapessoal (a relação da personagem com o outro) e por último ecológico-institucional (a relação da personagem com o ambiente). Também, verificamos os valores morais, atitudes e sentimentos presentes na história. A escolha já envolvia uma interpretação inicial, mas nessa fase íamos mais além, identificando todos os personagens e as relações entre eles, o tema da história e o seu desenvolvimento, os conflitos principais e secundários. Assim, preparávamos algumas perguntas que orientariam a nossa discussão. Eram perguntas que pretendiam levar o aluno a identificar o tipo de conflito que as histórias envolviam as escolhas das personagens, as consequências e as alternativas possível. Essas perguntas constituíam apenas um roteiro. A discussão não teria que se submeter a elas.

As frequências dos encontros foram de três vezes por semana. A experiência estendeu por um período de dois meses na escola. Isso aplicado em turmas diferentes, mas da



mesma série em que o estudo está voltado, ou seja, 5ª série do Ensino Fundamental da Escola Pública.

Antes da leitura, fazíamos um círculo e reiterávamos as regras de funcionamento do grupo, acordadas nos primeiros encontros: ouvir a história em silêncio, esperar sua vez de falar, não interromper o colega, levantar o braço quando quisesse a palavra. Se alguma mudança precisava ser feita, retomávamos o que havia sido discutido e selávamos novo acordo. Quando iniciávamos a leitura praticávamos uma leitura ritmada e mudando o tom da voz para caracterizar os personagens. Evitávamos mostrar as ilustrações, para que pudesse imaginar as situações por si mesmas, mas quase sempre era impossível. Os alunos exigiam que lêssemos com livro aberto para elas/eles. Ao término da leitura entrávamos na discussão, onde abordamos a compreensão, análise e julgamento da história. Com isso obtivemos os seguintes resultados:

a) Quanto às possibilidades da leitura como meio de problematização moral.

A literatura mostrou-se um material valioso para este propósito. Além de aperfeiçoar a concentração dos alunos e a sua capacidade de interpretar um texto, possibilitou a relativização dos problemas e soluções sem cair no ceticismo. Se os alunos, antes mesmo do início do projeto, já mostravam um grande interesse pela leitura de histórias, com a experiência, esse interesse mudou qualitativamente: agora elas sabiam por que preferiam determinado personagem; tinham mais elementos para julgar as histórias e eram capazes de relacioná-las com a sua própria vida.

b) Quanto à relação do educador com o aluno.

A relação entre o adulto e o aluno mostrou-se mais importante do que poderíamos, a princípio, supor. Constatamos que os alunos que conseguiram estabelecer uma relação de confiança com o adulto, tornavam-se mais participantes e expressavam-se com mais desenvoltura, não temendo as críticas dos outros.

c) Quanto ao trabalho de grupo.

Este foi o aspecto em que as mudanças de comportamento se mostraram mais tênues e mais demoradas. Era penoso para os alunos respeitar as regras: ouvir o outro, não ridicularizá-lo em suas opiniões, esperar sua vez. Os Alunos, antes de participarem do projeto, tinham tido poucas experiências de trabalho em grupo e tinha exercitado muito pouco a cooperação. Precisávamos, então, de vários encontros, enfatizando a importância do cumprimento das regras e do respeito ao colega, até que pudessemos desenvolver o trabalho sem as constantes interrupções, causadas pela indisciplina. Percebemos que o aumento da capacidade reflexiva dos alunos nem sempre se traduzia imediatamente numa mudança de comportamento.

d) Quanto ao desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva.

O desenvolvimento dessas habilidades por parte dos alunos foi o que mais nos surpreendeu. Elas rapidamente passaram a assumir posições e a apontar alternativas para os problemas em pauta, mesmo as mais jovens. Um menino de anos afirmou que



"João não precisava ter matado o gigante, bastava ter tirado o que era seu" (João e o pé-de-feijão); eram capazes ainda de avaliar os personagens _ uma menina de 14 anos disse que "Mimi é um gatinho muito filosófico, ele pensa sobre a vida dele" (Mimi); e comparar as situações das histórias com sua própria vida e emitir um julgamento na discussão. Em "O flautista mágico, um menino de 13 anos afirmou que não só o prefeito da história que não era bom, o da sua cidade também não era, pois não cuidava das barreiras do seu bairro".

Diante deste resultado exposto e proposto, necessitamos por em prática tudo que fora abordado neste artigo científico como: mais leituras/escritas, interpretações textuais que possam fazer com que o aluno tenha a volição pela Literatura, uma grande "arma" para o conhecimento cognitivo do aluno e a valorização da questão ético/moral que a sociedade precisa.

4 CONCLUSÃO

Na atual conjuntura tem se tornado cada vez mais difícil ensinar os alunos o que é bom e o que é mal, o que é certo e o que é errado. Muitos pais e professores lamentam o modelo perdido, afirmando que antes era mais fácil educar os jovens/adolescentes. Talvez tenham razão, mas hoje é consenso entre os que pesquisam o desenvolvimento infantil, que as ações educacionais baseadas nessas certezas, contribuem para educar moralmente os alunos, mas não para fazê-las sujeitos éticos. Ou seja, o resultado dessa educação moral é, quase sempre, a formação de adultos heterônomos: pessoas que se orientam pelos costumes, regras, leis e valores que lhes foram ensinados sem refletirem a respeito; assumem como bom ou mal, certo ou errado o que lhes foi transmitido, sem nenhum exame pessoal. As suas ações no mundo, seus sentimentos e convicções, enfim, o que elas são não é resultante de uma escolha consciente, mas fruto das exigências e modelações externas.

Das estritas convicções anteriores, passamos, atualmente, à relativização de quase todos os valores. O avanço dos ideais democráticos e a facilidade de acesso à informação tem contribuído para esse fenômeno. Expostas a uma profusão de ideias, os alunos não se convencem facilmente da justeza de uma determinada posição, se não lhes for dado pensar a partir de um contexto específico. O certo e o errado, o bem e o mal, como afirmações abstratas não encontram ressonância entre elas. Assim, mesmo que os educadores pretendam lhes impor valores absolutos, as crianças não estarão receptivas. Pais e professores queixam-se, então, de que não mais ocupam um lugar privilegiado na formação delas, a menos que se esforcem muito para isso. E eles mais uma vez estão certos. A educação moral de um adolescente é, hoje, também uma tarefa dos meios de comunicação. Mas os efeitos dos mesmos sobre estes podem ser nefastos se elas não têm critérios e referências para interpretar mensagens ambíguas, valores e imagens que se contrapõem. Sem esses elementos, o aluno não consegue compreender e ordenar numa escala de valores o que vê, ouve e sente. Terá, portanto, dificuldade de orientar



suas próprias ações. O resultado desse processo é a formação de adultos ainda mais inseguros do que os das gerações anteriores.

O aluno foi posto diante de problemas morais em contextos específicos e solicitada a se posicionar. Não lhe dizíamos o que escolher embora assumíssemos posições, mas refletíamos sobre as consequências de cada escolha e conversávamos sobre as alternativas possíveis, evidenciando os valores morais, sentimentos e atitudes presentes nas mesmas. Ele era incentivado a argumentar, a justificar suas respostas e a imaginar soluções diferentes para uma mesma situação, num círculo em que dialogavam o adulto e o aluno, os alunos entre si.

A literatura infantil é um dos suportes básicos para o desencadeamento do processo criativo, pois oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capaz de provocar uma ação criadora. O contato com histórias ouvidas ou lidas, o aluno vai adquirindo novas experiências.

A literatura é um tesouro precioso capaz de levar o leitor a transpor céus e mares e alcançar um país de guloseimas, como também levá-lo a experimentar o medo, a solidão e a tristeza. Em que a fantasia e a imaginação se encontram. É nesse mundo de sonhos que o ato criador desabrocha, podendo o leitor ser provocado a criar ou recriar outras histórias e sentir a necessidade de fazê-lo. No jogo de faz-de-conta, a dimensão simbólica é experimentada e vivida pelo aluno, o que lhe permite trabalhar seus conflitos e reorganizar seu mundo afetivo e intelectual.

A importância da literatura infantil no processo ensino/aprendizagem não é igualmente considerada em todas as escolas, mas vem galgando progressivamente os degraus em busca de sua ascensão na formação do leitor crítico.

Deste modo, o estudo apresentado e analisado, visou resgatar a valorização da Literatura Infantil na sala de aula como recursos à Língua Portuguesa. Diante desses comentários, sugere-se que seja criado um “Espaçocult da Literatura Infanto-Juvenil” voltado para os contos clássicos. Criaria oficinas: de literatura infantil para a formação do professor, de dramaturgia com várias atividades em conjunto com outras disciplinas dentro da contextualização, intertextualização, parcerias com livrarias compromissadas a um trabalho contínuo e presente.

Ressalta-se, ainda a necessidade de integrar todos esses conhecimentos, a fim de se ampliar à literatura infantil a cultura e ao desenvolvimento da população, da cidade, enfim, todos de certa forma acabam ganhando muito mais conhecimento.

Portanto, este estudo proporcionou uma variedade de informações enriquecedoras ao conhecimento em geral, seja ele cognitivo ou estimulador a ações no processo de ensino-aprendizagem como um todo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Inácia Oliveira de. Curso: Como trabalhar a literatura infantil na sala de aula. Manaus-AM: realizada na livrarias paulinas no dia 15/08/2006.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

- BETTELHIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita. São Paulo: Ática, 2002.
- CARVALHO, Antônio Pinto de. Aristóteles: Arte Poética. São Paulo, 1959;
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil – Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2004.
- 22
- CURY, Augusto. Filhos brilhantes, alunos fascinantes. Colina - SP: Academia de Inteligência, 2006.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GÓES, Lúcia Pimentel. Fábulas brasileiras, ou, Fábula saborosa: sábia, divertida, prudente, criativa. São Paulo: Paulinas, 2005.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: História e História. São Paulo: Ática, 2003.
- OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. "A Literatura Infantil" [online]
Disponível na internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm>
Acesso em: 18 set 2006.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Dinâmica em literatura infantil. 12ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988 - revisada em 2006.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz. Tratado de Metodologia Científica: projetos de Pesquisa, T.G.I, T.C.C, Monografia, Dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2002.
- Parâmetros Curriculares Nacionais Vol. 2: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- Revista TV Escola/ Abril/ 2003
- SAMUEL, Rogel. Novo Manual de Teoria da Literatura. 2ª ed. Petrópolis – RJ, 2002.
- TAVARES, Hênio Último da Cunha. Teoria Literária. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.
- UINORTE. Manual de Trabalho de Curso. Versão Atualizada, Manaus: Centro Universitário do Norte. Novembro, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. (Teses: 1)
- WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da Literatura. 5ªed. São Paulo, 1948